



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA: VIVÊNCIA DOS IDOSOS DIANTE DO DIAGNÓSTICO

1. Renata Emanuela de Queiroz Rêgo. Faculdade Santa Maria/FSM. Email: renata-emanuela@hotmail.com
2. Ankilma do Nascimento Andrade Feitosa. Faculdade de Medicina do ABC Paulista /FMABC. Faculdade Santa Maria/FSM. E-mail:ankilmar@hotmail.com
3. Jéssica Layra Santana Callou. Faculdade Santa Maria/FSM. E-mail: jessicafsm2012@gmail.com
4. Ubiráidys de Andrade Isidório. Universidade Cruzeiro do Sul/UNICSUL. E-mail: ubiraidys_1@hotmail.com
5. Maria Aparecida de Freitas. Faculdade Santa Maria/FSM. E-mail:aparecidafreitas1984@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A doença renal crônica/DRC é uma temática relevante e a sua discussão promove um conhecimento para prevenção de novos casos e agravamento dos existentes. Para o Ministério da Saúde, o número de portadores tende a crescer nos anos seguintes, não só pelo crescimento e envelhecimento da população, mas, sobretudo, pela persistência de hábitos inadequados de alimentação, falta de atividade física e tabagismo. ⁽¹⁾

Os avanços nos cuidados de saúde e de tecnologia são os grandes responsáveis pelo crescimento da população de idosos em todo o mundo. Paralelamente a esse crescimento, observa-se o aumento da incidência e da prevalência de pacientes com DRC em seus diferentes estágios. No Brasil, a prevalência de pacientes com mais de 60 anos em tratamento dialítico aumentou de 25,5% em 2006 para 39,9% em 2009. ⁽²⁾

Diante do exposto emergem os seguintes questionamentos: Qual a vivência dos idosos portadores de Insuficiência Renal Crônica diante do diagnóstico? Quais as dificuldades enfrentadas pelos mesmos?

Sendo assim, este estudo emerge do interesse em promover o conhecimento sobre a vivência de idosos diante do diagnóstico de Insuficiência Renal Crônica. A aproximação com a temática aconteceu durante uma visita no setor de Hemodiálise de Cajazeiras-PB, onde verificamos o déficit de informações e as dificuldades enfrentadas pelos pacientes. Portanto, este estudo será de extrema importância para a sociedade acadêmica, profissionais da saúde e o público leigo, sobretudo para a categoria idosa, visto que a prática adequada do cuidar e autocuidado mantém um estilo de vida ativo saudável. Assim, o estudo tem como objetivo relatar a vivência dos idosos diante do diagnóstico de Insuficiência Renal Crônica.

METODOLOGIA

A pesquisa constou de estudo do tipo exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa. Foi desenvolvida na Clínica de Hemodiálise do Hospital Regional, do município de Cajazeiras-PB. A população e amostra foram compostas por 16 idosos que aceitaram participar voluntariamente.

Os dados foram coletados em outubro e novembro de 2012, na clínica, com data e horários previamente agendados pela Coordenação da hemodiálise. Optou-se pela técnica de análise de conteúdo, a qual permite elucidar o tema e consiste em três etapas: pré-análise, descrição analítica e interpretação referencial. Salienta-se que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Faculdade Santa Maria, conforme CAAE: 05216512.5.0000.5180.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta parte do trabalho, buscou-se apresentar os resultados relativos às questões específicas, que norteiam os objetivos propostos por esta investigação

científica. Os mesmos foram descritos em categorias para melhor compreensão e análise do conteúdo.

Descoberta da doença Insuficiência Renal Crônica

Esta categoria remete a concepção dos participantes em relação à descoberta da doença. A análise dos dados permitiu verificar que, 31,25% da amostra definem sentimentos de tristeza e de revolta, conforme mostra a seguinte declaração: “... foi um negócio assim meio triste... tudo na minha vida foi abaixo”. (S12)

Durante a entrevista alguns participantes choraram e manifestaram o desejo pela cura e um possível transplante renal. É importante um suporte psicológico a essas pessoas para que elas aceitem com um pouco mais de maturidade o recebimento do diagnóstico. O medo da morte também pode ajudar a explicar e entender um pouco do horror verbalizado pelos acometidos por tal patologia, uma vez que as doenças do rim e do trato urinário constituem-se na 12^a causa de morte e na 17^a causa de incapacidade. ⁽³⁾

Foi possível perceber que 87,5%, só descobriram a doença após já estarem bastante comprometidos, ao ponto de ter que realizar o tratamento dialítico imediatamente.

Principais alterações corporais causadas pela doença

Nesta categoria, procurou-se conhecer, informações referentes as alterações corporais que acontecem após a descoberta da doença. Alguns apresentaram afirmações satisfatórias em relação ao esperado: “Emagreci muito, fiquei com aquela cor feia meio esverdeada... tem também as cicatrizes, já várias.” (S02)

Dos entrevistados 43,75% relataram alterações quanto a coloração da pele, que segundo eles melhorou após o tratamento. Essas alterações são explicadas por Lupi, que atribui a palidez à anemia por doença crônica e por deficiência de

eritropoietina; a pele amarelada se associa à retenção de pigmentos lipossolúveis na derme e subcutâneo, como carotenoides e urobilinogênios; a pele marrom-acinzentada encontra-se relacionada ao depósito de hemossiderina; e, a hiperpigmentação que está associada à foto exposição, assim como a elastose. Existe também a equimose (mancha escura) que é associada à disfunção plaquetária⁽⁴⁾. *“Fiquei bem magrinha, incho de vez em quando, e já tomei 7 bolsa de sangue.”(S7)*

As mudanças ocorridas no dia-a-dia

Com relação as mudanças ocorridas no dia-a-dia de cada paciente proporcionou certo desabafo. Muitos reclamam da dieta a qual é proposta por parte dos profissionais da clínica, outros falaram nas viagens que tiveram que ficar mais curtas e alguns que nem as fazem mais, e alguns que relataram não haver mudança em seus dia-a-dia. *“O mais difícil foi deixar a luta demão pra ficar só olhando né”.* (S12)

Viajar foi uma mudança que 25% dos entrevistados relataram ter ocorrido quando questionados sobre as mudanças no cotidiano delas. Para eles depender de uma máquina para filtrar seu sangue os impede de fazer grandes passeios, e aproveita-los, já que o tratamento é o que os mantém mais saudáveis. ⁽⁵⁾

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como propósito Relatar a vivência dos portadores idosos diante do diagnóstico de Insuficiência Renal Crônica e, ao se utilizar como metodologia uma abordagem de natureza qualitativa, almejou-se proporcionar aos atores sociais estudados a oportunidade para que falassem de si, da descoberta da doença, principais dificuldades enfrentadas após o diagnóstico, alterações corporais, mudanças no cotidiano e sobre o relacionamento familiar.

Percebeu-se que dos pacientes em tratamento no Centro de Hemodiálise de

Cajazeiras, 28,6% são idosos, tendo em vistas que a maioria tinha uma vida ativa até serem diagnosticados como portadores de IRC e se isolarem de seus trabalhos, enfrentando, então, frustrações e insatisfações por não serem mais os principais mantenedores do lar.

Conforme relatado pelos participantes deste estudo e em consonância com os resultados, a patologia da IRC traz limitações que geram desconfortos, frustrações e dúvidas, além do tratamento que é desconfortável e incômodo, ficando os idosos a extrema vulnerabilidade, em seu sentimento de fragilidade de vida acentuada ainda mais com o peso dos anos traz, despertando a sensação de fragilidade e o insondável sentimento de morte.

REFERÊNCIAS

- 1 Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Prevenção clínica de doença cardiovascular, cerebrovascular e renal crônica. Cadernos de Atenção Básica –n.º 14 serie A. Normas e manuais técnicos. Brasília, 2006.
- 2 Bastos MG, Bregman R, Kirsztajn G M. Doença renal crônica: frequente e grave, mas também prevenível e tratável. **Revista Associação Médica Brasileira**. São Paulo, v. 56, n. 2, 2010.
- 3 Cherchiglia ML, et al . Perfil epidemiológico dos pacientes em terapia renal substitutiva no Brasil, 2000-2004. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 4, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2012.
- 4 Lupi O, et al. Manifestações cutâneas na doença renal terminal. **An. Bras. Dermatol**. v.86 n.2. Rio de Janeiro Mar./Apr. 2011 (revisão). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S036505962011000200015&script=sci_arttext&



ting=pt>. Acesso em: 13 dez. 2012.

5 Coutinho NPS, et al. Qualidade de vida de pacientes renais crônicos em hemodiálise. Rev. Pesq. Saúde. v.11, n.1, p.13-17, 2010 jan/dez. Disponível em: <<http://www.sbn.org.br/leigos/index.php?insuficienciaRenal&menu=24>>. Acesso em: 25 jan. 2012.